

APOCALIPSE

A GRANDE REVELAÇÃO

PHIL SANTOS

Prefácio

Apocalipse

A maioria da humanidade associa erroneamente a palavra *Apocalipse* a um desastre global ou à aniquilação de muitas vidas humanas, senão até mesmo, à sua própria extinção da face da terra.

Contudo, o seu significado envolve um parâmetro completamente diverso àquele que se imagina na realidade.

A palavra *Apocalipse* deriva na sua origem do grego "*a-po-ká-ly-psis*" que traduzida significa revelação, exibição ou desvendamento.

Este livro "Apocalipse, a Grande Revelação" irá lançá-lo para as profundezas de um mundo que, embora participe nele diariamente, jamais terá a noção que ele existe. Deixe-se guiar pelos alicerces do subconsciente humano à medida que acompanhe um jovem comum, em quem lhe fora confiado a libertação de toda a humanidade. O que ele estará prestes a descobrir irá mudar o seu mundo. Deixe que ele mude também o seu.

Um especial agradecimento à minha adorável e incansável esposa Priscila que me iluminou o caminho, bem como às onze mentes brilhantes e aos mais de oitenta e três voluntários que não hesitaram em partilhar o que viram e ouviram.

A eles dedico este *Apocalipse*.

Capítulo 1

Mais uma aborrecida e gélida tarde mergulhada num profundo nevoeiro cerrado. A avenida está deserta e são poucos os transeuntes que a cruzam.

Dado a necessidade de comprar uns materiais para a manutenção do apartamento, vejo-me obrigado a sair de casa e mergulhar no cruel mundo exterior.

Abro a porta de casa, e, sem querer perturbar o silêncio do hall das escadas, tranco subtilmente a porta. Desço as escadas antigas de madeira que, a cada passo que dou, quebram o silêncio com ranger das suas palavras. A pintura é a mesma, verde velho como a alcatifa, enfim, é um quarteirão como tantos outros por estes subúrbios. No fundo das escadas, como que seguindo-me com um olhar atento, um fiel cão de porcelana, aguarda imóvel o seu dono que tarda a vir.

Ao chegar ao corredor da entrada, encontro o mesmo inquilino de sempre a abrir a sua caixa de correio, ritual este, transformado em rotina diária. Alto, velho, desconfiado, com óculos de mocho, gabardina cinzenta e um chapéu dos anos 30, desdobra minuciosamente o jornal, começando a sua leitura pela penúltima página. Como de costume, passo por ele e cumprimento-o, sabendo de antemão, que ele não me responderá.

“Boa tarde.” Respondo apressadamente como quem já adivinha a resposta.

Para minha surpresa, a sua reacção foi diferente. Dignificando-se em retirar os olhos de sua leitura, lentamente olha empedernido nos meus olhos, sussurrando:

“7.”

Aquele momento de milésimos de segundos, parece trespassar o meu petrificado corpo.

Sem mais demoras, continuo a percorrer o corredor como se nada tivesse acontecido, como sempre ocorrera das outras vezes.

Abrindo a grande e velha porta de madeira, a avenida parece expandir-se no horizonte, apenas para se perder no infinito. Começo a grande caminhada entre o contrastante chão em paralelo branco e as paredes em blocos laranja, até ao meu destino final, a drogaria mais próxima. Olhando para baixo, por entre uma janela na alta parede de tijolo alaranjado, uma menina pálida e seria, com um olhar terno e triste, toca uma melodia num velho violino. O que passará naquela terra mente? Mundo estranho, sempre dominado pela sombria tristeza. Tal visão não reduz o meu passo acelerado e, sem grandes hesitações atravesso a estrada com toda a normalidade do mundo. Dirigindo-me à porta de entrada da loja, rodo o seu amarelado manípulo entrando de seguida, sem qualquer hesitação. A antiga loja era constituída por prateleiras em madeira antiga, repletas de quinquilharias de tudo o que existe neste mundo. No fundo dela, um balcão arcaico com séculos de existência, transformava aquela drogaria numa biblioteca de materiais. Direciono-me ao balcão vazio sem que ninguém se resigne a aparecer. Espero sete minutos por alguém, debaixo de uma luz fraca e amarelada. Após decorrerem os sete minutos eis que surge alguém, passando por uma porta misteriosamente camuflada. Uma gentil senhora idosa, com o seu andarilho dirige-se lentamente até mim.

“O que posso fazer por ti?” Pergunta a idosa senhora.

“Boa tarde. Precisava de uns trinta parafusos iguais a este que aqui tenho.”

Virando as costas e rebuscando cuidadosamente cada gaveta que se

encontrava instalada debaixo do balcão, a simpática idosa ergue-se com dificuldade e responde-me com um olhar amedrontado, como se um pressagio lhe tivesse caído aos pés.

“Não possuo os trinta parafusos.”

“Então dei-me os que tiver.” Respondi.

A senhora faz apressadamente as contas, apresenta a despesa e, depois de lhe pagar, tenta retornar de onde veio, o mais rápido que pode.

“Estranho comportamento.” Respondo para mim próprio.

“Parece que todos tiraram o dia para se tornarem estranhamente misteriosos.”

Voltando para trás, dirijo-me para a porta de saída e regresso a casa.

O frio domina o exterior com um forte vento que intimida os poucos transeuntes que aqui circulam.

Faço um pequeno desvio sem sair da avenida e entro num café em busca de algo que aqueça o meu corpo por dentro.

O lugar está cheio de clientela, e as vozes alçadas de quem discute o jogo de ontem, parece quebrar o gelo da monotonia gélida do exterior.

Sento-me e apressadamente e sou imediatamente atendido pelo empregado de mesa.

“Boa tarde, o que deseja?”

“Um *cappuccino*, mas bem quente, por favor!”

“Muito bem.” Responde o empregado de mesa.

Enquanto que espero observo o ambiente iluminado à minha volta.

Umhas grandes janelas panorâmicas dão a visão brutal do vento que varre a avenida.

O empregado demora a vir.

Vendo que ele demora, opto por chamar a sua atenção alçando o meu braço direito.

“Ora diga.” Pergunta o empregado.

“Não se esqueceu de mim?” Pergunto.

“Ora, não sabe que o tempo de espera são 7 minutos até ser servido?” Responde o empregado friamente.

“Não tem problema. Eu tenho tempo.” Respondo-lhe suavemente, evitando problemas desnecessários.

Enquanto aguardava, comecei a reflectir nas palavras do empregado de mesa e a pensar em tudo o que se passou durante o momento de espera na drogaria.

As palavras soavam estranho, pois eu tinha esperado 7 minutos na drogaria e 7 no café.

“Que estranha coincidência.” Concluo, após meditar na estranha numerologia sequência de setes.

Rapidamente começo a abrir o saco que misteriosamente fez a idosa desaparecer velozmente da minha vista.

Abro cuidadosamente o saco e, eis que não continham os trinta parafusos.

Por duas vezes contei um por um e o resultado foi sempre o mesmo, 7. Fiquei pálido, empedernido no meu próprio lugar.

Algo atrai a minha atenção para o exterior e, lentamente volto a minha face para a rua. Do outro lado da avenida, encontrava-se o velhote do prédio com o jornal debaixo do braço.

Ele olhava para mim, sério, frio, calculista, como se eu fosse um criminoso, um bandido internacional, um verdadeiro perigo público.

Não hesito em esperar pela resposta à minha pergunta que me oprime a mente num mistério infindável.

Num gesto rápido, levanto-me da cadeira e dirijo-me à porta de saída.

Abro a porta, e precipito-me para o exterior com o objectivo de indagar o velho sobre o seu comportamento. Misteriosamente, a ventania cessa e a rua fica deserta por completo.

Ouçõ passos apressados distanciando-se de mim.

Não posso perder por nada este enigma, por isso, sigo o ruído dos passos que fogem de mim.

A medida que percorro a avenida, o nevoeiro começa a intensificar-se. O ruído dos passos intensifica-se à medida que me aproximo de uma rua estreita. Viro à direita e entro nesse labirinto apertado de altas muralhas de blocos laranja que entoam os meus passos em complexos ecos.

Curvo uma parede, contorno um outro bloco mas sem sucesso. Ouço os passos mas ninguém aparece.

De repente, o ruído cessa e dou comigo perdido no meio destas altas paredes de blocos como se de um labirinto se tratasse.

Com o coração a palpitar semelhante a uma locomotiva, dou instantaneamente meia volta. Em passo apressado, tento retornar a avenida principal. Sigo, sem querer, um caminho diferente ao tomado anteriormente levando-me por um infinito trilho de curvas e contra curvas.

Depois de alguns minutos, dou comigo num sitio muito idêntico ao de há pouco. Não demorou a chegar à conclusão de que me encontro no mesmo ponto. Torno atrás, sigo outro caminho. O dia começa a escurecer e, mesmo assim, passados outros tantos minutos, dou comigo outra vez no mesmo ponto de partida.

“Estou definitivamente a andar à roda!” Exclamo.

Volto-me para trás e eis que ouço passos lentos a caminharem na minha direcção.

Foco a minha total atenção no que sairá daquela cortina de nevoeiro.

Eis que surge, num passo tranquilo, um homem alto com um gabardina cinzenta. Á sua direita segue um doberman.

Os seus olhos concentram-se unicamente em mim, deixando trespassar um sorriso sádico.

Ainda longe de mim, ele ordena:

“Agarrem-no!”

Sob o comando dessa ordem, um batalhão de homens parecidos com o primeiro, emerge do denso nevoeiro, correndo furiosamente na minha direcção.

Em pânico, começo a fugir por entre aquele labirinto, derrubando os caixotes do lixo e as caixas de cartão vazias na esperança de travar a ofensiva.

“Impossível! Eles estão determinados a alcançar-me.” Desespero já exausto com tal árdua perseguição.

A sua aproximação dá-se a cada metro, fazendo-me clamar de pânico:

“ Sou inocente, não fiz nada!”

Apenas se ouve o respirar potente dos homens que concentram a sua atenção em mim, como um leão que fita a sua presa.

Clamo por socorro, mas ninguém me ouve.

De tanto clamar, a minha voz torna-se rouca, quero gritar, quero pedir ajuda, mas não consigo.

A aflição e o pânico por não conseguir falar dominam-me por completo.

Continuo a correr, virando a direita na próxima esquina.

“É a minha salvação!” Exclamo ao observar a avenida.

Mas eis que começo a abrandar, sentindo os meus músculos a bloquearem-se. É a sensação de estar a arrastar uma tonelada de peso sem quase sair do sítio.

Não me consigo mover e os meus perseguidores ganham cada vez mais terreno.

Começo a gritar bem alto para dentro de mim.

Olho para o céu em busca de livramento divino.

Inesperadamente, no topo do muro de blocos, avisto um homem forte de fato azul-escuro. Agachado sobre a parede e com uma mão em cima do joelho, ordena-me:

“Enfrenta-os!”

Eu respondo-lhe em pânico:

“Ajuda-me!”

Ele repete:

“ Não tenhas medo. Enfrenta-os!”

Não posso acreditar no que ouço, enfrentar sozinho mais de dez homens! Como?

Nesse momento, um deles agarra o meu ombro e bloqueia-me por completo.

Rapidamente, outro se aproxima de mim e, tirando uma faca da sua gabardina num gesto fulminante, espeta-a em mim e...

Acordo.

Gracias por visitar este Libro Electrónico

Puedes leer la versión completa de este libro electrónico en diferentes formatos:

- HTML(Gratis / Disponible a todos los usuarios)
- PDF / TXT(Disponible a miembros V.I.P. Los miembros con una membresía básica pueden acceder hasta 5 libros electrónicos en formato PDF/TXT durante el mes.)
- Epub y Mobipocket (Exclusivos para miembros V.I.P.)

Para descargar este libro completo, tan solo seleccione el formato deseado, abajo:

